

# UMA CARTOGRAFIA POÉTICA DO *SLAM*: ITINERÂNCIAS POLÍTICAS ENTRE CORPO E PALAVRA<sup>1</sup>

[A POETIC CARTOGRAPHY OF SLAM: POLITICAL ITINERANCIES BETWEEN BODY AND WORD]

**CAMILLA MARTINS DE OLIVEIRA<sup>i</sup>**

ORCID 0000-0003-4987-0093

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**ANDRÉ BOCCHETTI<sup>ii</sup>**

ORCID 0000-0002-9773-4734

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**Resumo:** O presente texto emerge de uma pesquisa de doutorado em curso e se dedica a acompanhar trajetórias de produção de força das palavras no *slam*, por meio das narrativas de quatro poetas. Buscamos dar contribuições às seguintes questões: Como a palavra ganha força de transformação ao ser enunciada? O que as palavras podem mover? O material foi gerado por meio de um dispositivo específico produzido para esta pesquisa. O *slam* é um conjunto de operações sobre e a partir da palavra, operações essas que serão acompanhadas nesta cartografia poética, por meio de dois caminhos: *o slam como itinerância entre corpo e palavra e o slam como deriva entre palavra, corpo e política*.

**Palavras-chave:** cartografia; experiência; poéticas do *slam*; corpo; palavra

**Abstract:** The present text emerges from ongoing doctoral research and is dedicated to following trajectories of force production of words in slam, through the narratives of four poets. We seek to contribute to the following questions: How does the word gain strength of transformation when it is enunciated? What can words move? The material was generated through a specific device produced for this research. The slam is a set of operations on and from the word, operations that will be followed in this poetic cartography, through two paths: the slam as itinerancy between body and word and the slam as a drift between word, body and politics.

**Keywords:** cartography; experience; slam poetics; body; word

---

<sup>1</sup> Texto vinculado à pesquisa realizada no âmbito do projeto “Entre histórias e cartografias de uma prática: o corpo-em-comum e seus sentidos educacionais”, contemplada, em 2021, com auxílio à pesquisa (APQ1) da FAPERJ.

## Notas iniciais

O sujeito é dito oculto e pelas regras sociais sufocado, mas é composto na verdade e caminha cheio de verbo e vontade. Agente da passiva não mais, agora o objeto é direto, porque quando a palavra encontra o corpo, a carne brota verbo (LIOLI; MOREIRA, 2016).

Do *slam* vazam palavras corporificadas; corpos feitos palavras, que se dispersam até poesias como essa, um primeiro encontro da investigadora – uma das autoras deste artigo – com a relação entre palavra e corpo na experiência do *slam*. Esse poema brota do Slam do Corpo, primeira batalha de poesias de surdos e ouvintes do Brasil, na qual duplas de poetas (um surdo e um ouvinte) se apresentam ao mesmo tempo em português e LIBRAS, criando um encontro potente entre as línguas. Há na poesia uma relação complexa entre produção de corporeidade e mensagem poética narrada que não para de reverberar entre nós, e que nos levaram às questões que aqui surgem. A noção de corporeidade imprime processualidade ao modo como tratamos a produção dos corpos nestas linhas, afirmando o corpo em sua dimensão “instável, heterogênea e múltipla” (LE MOAL, 2008, p. 717). Ainda que a discussão sobre o uso desse conceito seja bastante complexa, optamos, nestas linhas, por utilizar as expressões “corpo” e “corporeidade” como sinônimos, apontando sempre para a compreensão de que a produção de um corpo é efetivada de modo contínuo e em meio às multiplicidades de seus encontros com o mundo.

O trecho citado talvez seja, então, um primeiro encontro entre palavra e corpo experimentado a partir da potência do *slam*. Muitos outros viriam depois. O encontro com o movimento do *slam* nos lançou a novos territórios, provocando certos deslocamentos em nossas práticas na educação e olhares mais sensíveis e atentos às relações entre corpo e poesia. Seria algum tempo depois deste primeiro encontro, por sinal, e a partir deste lugar fértil de encantamento e de arrebatamento pelas performances poéticas dos(as) *artistas*, que brotaria uma pesquisa intitulada *Poéticas do corpo: As relações entre corpo, poesia oral e rua no slam*, que segue em construção. As linhas tecidas e aqui costuradas neste artigo emergem dela.

*Slams* são batalhas de poesia que acontecem em espaços públicos da cidade (praças, viadutos, saídas de metrô etc.), protagonizadas por jovens poetas das periferias, que falam poemas autorais em até três minutos. Eles materializam um movimento político, cultural e artístico amplo e diverso, no qual estão imersos em narrativas poéticas, gestos, histórias pessoais, leituras de mundo, e a própria rua. Nesse sentido, um *slam* é também o momento onde o poema continua, à maneira da poeta inglesa Kate Tempest (2016): “O poema na página não está terminado. A leitura lhe dá vida. O poema na página é um mapa, mas não é o destino. Ele precisa de você para seguir sua jornada e transformar-se num poema”.

Essa existência de que fala Kate Tempest é antes e acima de tudo, pela força das batalhas poéticas às quais se dedica este texto, profundamente corporal<sup>2</sup>. A poesia do *slam* só se faz com a produção de um corpo. Sem ele, não há poesia. E, do mesmo modo, certa corporeidade se faz apenas na presença da poesia. O corpo transforma aquilo que habita o papel em algo ainda mais vivo; do mesmo modo, o *slam* dá espaço para os “poetas que pulam para fora da página” (AQUILES, 2011), espacializando a poesia a partir da fusão de várias linguagens em um mesmo ambiente.

Para pensar o movimento do *slam*, recorreremos às narrativas dos poetas com quem uma das autoras deste texto tem sistematicamente conversado, e com os quais tanto temos aprendido. Para W-Black, “o *slam* é uma arte falada e nos permite construir histórias contadas por nós; tem um poder de se comunicar com todo o tipo de gente, pois por meio da palavra falada, não depende da pessoa ser letrada, ela pode construir a sua narrativa, da maneira que ela quiser, e as pessoas escutarem” (Conversa com W-Black 28/01/2022). De acordo com Laura Conceição, “o *slam* no Brasil tem uma característica de abordar vivências minoritárias, questões sociais, com textos muito políticos, de resistência” (Conversa com Laura 27/01/2022). Um *slam* é, antes de tudo, um lugar de resistência, de atos do cotidiano, capazes de provocar fissuras pelas quais se forjam novas práticas de existência, mais conectadas com as demandas dos sujeitos que a cidade não responde. Nesta direção, “(...) resistir é afirmar, criar e produzir diferenças.” (PIRES, 2007, p. 44 *apud* ÁVILA; FERLA, 2017, p. 740)

Assumimos neste texto o desafio de versar sobre um acontecimento poético que é vivencial, uma plataforma que convoca a acontecimentos vivos (LUCENA, 2017, p.

---

<sup>2</sup> É necessário salientar aqui, como veremos, que não há um estatuto físico prévio à noção de corpo com a qual trabalhamos aqui. Ela é, sobretudo, uma conceituação afetiva.

100). O *slam* é um movimento coletivo, a formação de coletivos de poetas é a própria condição e efeito de sua existência. Estes coletivos têm uma relação muito próxima com o território onde surgem e parecem promover uma “perturbação criativa dos fluxos urbanos capitalistas”, pois “questionam práticas e discursos, buscando mostrar outras possibilidades de ser da vida na cidade” (ÁVILA; FERLA, 2017, p. 740). Há, nestas experiências, a produção e circulação de uma energia propriamente poética, que provoca a ruptura com o real ambiente e a criação de outro espaço-tempo, uma brecha na realidade (ZUMTHOR, 2014).

Diferente dos eventos culturais que entram em cartaz ou expõem obras determinadas de artistas pré-definidos, o *slam* se aproxima mais de um chamado e se faz com os corpos, vozes e urgências que os escutam e os habitam de cada vez. Em alguns momentos, é possível reconhecer uma certa recorrência de linguagens e urgências, uma espécie de “palanque” de uma única voz, como reflexo das conjunturas políticas que nos atravessam. Trata-se mais do exercício de um “parlamento”, uma “assembleia pública” que se inventa na reunião e imbricação de palavras incorporadas, encarnadas e diversas (LUCENA, 2017, p. 100). Independente da temática da assembleia, ela também é uma reivindicação por poder se unir, se reunir em grupo, de fazê-lo livremente, sem medo da violência policial ou da censura política. Quando corpos se unem para expressar sua indignação e para representar sua existência plural no espaço público, eles também estão fazendo exigências mais abrangentes: estão reivindicando reconhecimento e valorização, estão exercitando o direito de aparecer, de exercitar a liberdade, e estão reivindicando uma vida que possa ser vivida (BUTLER, 2019). São essas forças eminentemente públicas, polifônicas e nômades que não podemos perder de vista ao nos aproximarmos de uma pesquisa dedicada ao *slam*.

Ao abordar as poéticas do *slam*, de existências dizendo poesias na rua, visitamos corpos em processos ricos de produção, emergentes nas poéticas que habitam. Entendemos, então, que tais corpos não estão lá, dados de antemão, mas que se constituem pela condição afetiva que lhes possibilita. Lembremos Espinosa a partir de Deleuze: um corpo é definido pela sua capacidade de afetar e de ser afetado (DELEUZE, 2019). Ele se produz por meio de uma dinâmica de elementos que, agenciados, permanecem em relativa estabilidade, que inclui sua recomposição a cada encontro que com outros corpos se estabelece. O corpo, portanto, é dado às

composições, e uma questão que surge nos encontros é, justamente, a de como corpos podem se compor uns com os outros para ampliarem as suas potências, sem, contudo, perderem as forças individuais que lhes caracterizam. Ao mesmo tempo, se os seres compõem com outros para ampliarem sua potência afetiva, podemos pensar que, durante o acontecimento de uma batalha poética, criam-se corpos múltiplos, corpos coletivos, constituídos a partir das variações contínuas entre elementos heterogêneos em composições diversas de velocidade e de lentidão (ÁVILA; FERLA, 2017, p. 743). Além disso, o corpo está inserido em um contexto de relações sociais, culturais e históricas:

Não podemos falar sobre um corpo sem saber o que sustenta esse corpo, e qual pode ser a sua relação com esse apoio – ou falta de apoio. O corpo é menos uma entidade do que um conjunto vivo de relações; o corpo não pode ser completamente dissociado das condições ambientais e de infra-estrutura da sua vida e da sua ação. Sua ação é sempre uma ação condicionada, que é um sentido do caráter histórico do corpo. (BUTLER, 2019, p. 72)

Pensar a questão do corpo no *slam* também nos convoca a olhar para os territórios habitados, experimentados e emergentes pelas existências que nele partilham. Um território é um espaço de vida, praticado e trazido à existência pela relação entre os espaços dos corpos em encontros diversos, co-produzidos (HAESBAERT, 2020). O corpo é o “meu território”, corpo-território-terra, um conceito-força advindo dos povos originários que se refere a “recuperação e defesa histórica do meu território corpo terra, assumindo a recuperação do meu corpo expropriado para gerar vida, alegria, vitalidade, prazeres e construção de saberes liberadores para a tomada de decisões” (HAESBAERT, 2020, p. 81). Mas é também território-corpo, “a própria terra como corpo” (p. 82). Entre corpo-território e território-corpo, está em jogo uma continuidade que nos faz pensar uma vez mais no *slam*: espaço de invenção de um e de outro, no qual emerge o terceiro elemento de nossa análise: a rua, lugar onde os poetas circulam e se sustentam, terreno no qual a possibilidade de interação e de expressão se efetivam.

### **Um dispositivo poético**

Utilizamos neste texto o conceito de experiência para nos referir às performances poéticas do *slam*, nos inspirando em Laban, que insistia na dança como uma experiência, e não como uma forma de apresentação. Na dança, assim como nas

poéticas do *slam*, a busca é pela livre expressão da corporeidade e pela criação e experimentação de corporeidades inéditas, valorizando a improvisação como uma de suas modalidades (ÁVILA; FERLA, 2017, p. 736). Na construção da performance poética, a partir da palavra-corpo, o poeta experimenta múltiplas possibilidades expressivas, deixando-se afetar pelas palavras e permitindo-se descobrir o corpo que com elas vem à tona.

Como a pesquisa versa sobre encontros entre poesia, corpo e rua, entre palavra dita e escrita, e considerando-se o contexto de pandemia mundial de COVID-19 – que coincidiu com o início da pesquisa –, estivemos em busca de modos de acessar e acompanhar essas experiências de modo remoto. *Como fazer uma pesquisa sobre um movimento poético que acontece na rua dentro de casa?* Nessa direção, e a partir da sugestão de uma generosa parceira dessa pesquisa<sup>3</sup>, nos propusemos a produzir um dispositivo específico para esta pesquisa: assistir, junto com poetas de *slam*, vídeos de suas performances públicas durante as batalhas, conversando com eles(as) sobre tais experiências. Destacamos que o dispositivo apresentado é um dos caminhos que está sendo trilhado na pesquisa em desenvolvimento; alguns outros já se fizeram e certamente percursos inéditos ainda irão se fazer.

O dispositivo começa antes mesmo do encontro, com a seleção dos vídeos<sup>4</sup> que serão assistidos, o que já instaura um campo de relação entre a pesquisadora e as materialidades poéticas, do qual brotam questões e considerações diversas. Há um movimento de análise pelo qual a investigadora se vê envolvida pelas imagens e falas que emergem das produções visuais. A experiência desse primeiro encontro, ainda anterior à conversa com os(as) poetas, é, portanto, uma incitação à palavra pela palavra já dita; uma atenção à trajetória que ela é capaz de percorrer quando enunciada. Começamos a experimentar este dispositivo e pudemos perceber sua potência em acessar a experiência de dizer poesias no *slam* e as relações entre corpo, poesia oral e rua. Foram feitas, até hoje, quatro conversas com poetas diferentes: Martina, Brenalta, Laura Conceição e W-Black. É delas que emerge a experiência-escrita que segue, forjada com esses e essas que, de algum modo, são coautores desta pesquisa.

---

<sup>3</sup> Trata-se da professora Ana Angelita Rocha, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a quem agradecemos a valiosa contribuição.

<sup>4</sup> Os vídeos assistidos estão disponíveis nas referências bibliográficas.

Na vivência realizada até aqui com o dispositivo, três questões ganharam certo relevo – “*como palavra e corpo se encontram nas poéticas do slam?*”, “*qual (is) é (são) a(s) diferença(s) entre falar poesia na rua e em outros espaços?*” e o “*que acontece na rua e só nela?*” –, pois a partir delas emergiram trajetórias de produção de força das palavras no *slam*, e é justamente tais caminhos que desejamos mapear. Lembremos, como o fez José Gil ao falar da experiência infantil, que “para uma criança, uma palavra tem a força da emoção que a contamina; ela é, antes de mais nada, essa força e toma o seu sentido” (GIL, 2018, p. 22). Nossa experiência cotidiana talvez subjogue tal “palavra-força” (GIL, 2018, p. 22) na banalidade do seu uso. Por outro lado, o que nos parece importante em experiências como a do *slam* é que, em sua relação com um corpo que emerge expressivo, tal força é de algum modo retomada.

O *slam* faz ressurgir a força da palavra encarnada por meio de caminhos diversos. Essas trajetórias são muito caras à pesquisa e, portanto, nos engajamos em uma espécie de cartografia das poéticas que busca acompanhá-las e dar contribuições para algumas questões: Como a palavra ganha força de transformação ao ser enunciada? O que as palavras movem? Quais efeitos elas produzem? Lançaremos mão das próprias falas dos poetas que emergiram nas conversas sobre os vídeos, pois elas carregam a força de suas narrativas.

O *slam* é um conjunto de operações sobre e a partir da palavra, que envolve afetações e movimentos diversos. Essas operações serão acompanhadas nesta cartografia por meio de dois caminhos, emergentes durante as conversas: *o slam como itinerância entre corpo e palavra e o slam como deriva entre palavra, corpo e política*. O primeiro procura dar motivações para se pensar em como palavra e corpo se encontram nas poéticas do *slam* e geram movimentos; o segundo aborda as peculiaridades das poéticas do *slam* que se relacionam à sua natureza política de movimento coletivo na rua.

### **Cartografando**

Escolhemos a cartografia (ou elas nos escolheu) para nos relacionar com as trajetórias de produção de força das palavras nas poéticas do *slam*, pois ela implica uma disposição para afirmar uma potência da própria vida e uma conexão com as marcas que

se fazem no corpo do pesquisador no encontro com outros corpos: “A pesquisa faz-se assim como cartografia do meio em que o pesquisador está mergulhado na produção de mapas referentes aos encontros vividos nesses trajetos e aos afetos e sensações ali produzidos” (LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 183). Quanto mais o pesquisador estiver imerso nesse campo, mais as intensidades brotam. Mas de que corpo é esse que estamos falando? É possível produzi-lo? Estamos falando aqui de certa construção de um corpo de cartógrafo que, com um grau justo de porosidade, se deixa vibrar pelos encontros, produzir conexões, compor-se com o ambiente, conhecer e produzir mundos. Alguns movimentos podem ajudar nesta construção: colocar-se à espreita dos acontecimentos e construir um estado de presença com prudência e cuidado:

Não existem fórmulas prontas, apenas uma longa preparação (...) O trabalho do cartógrafo é assim um trabalho de produção permanente de si, na experimentação de um corpo que, continuamente, se configura nos encontros com outros corpos (...) Também não se trata de exigir “grandes performances”, mas um olhar refinado ao que é pequeno, ao mínimo, ao quase invisível que se engendra nos contatos. (LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 190)

Antes de desdobrar os caminhos mencionados acima, apresentamos os quatro poetas interlocutores da pesquisa. Martina é rapper, poeta e produtora. Carioca, cria do complexo do Alemão e criadora do Slam Laje, ela desenvolve um trabalho social e cultural importante na favela onde mora. Diz que gosta mais de produzir o *slam* do que de batalhar. Martina é aquariana, dona de um sorriso enorme, divertida e espontânea, daquelas pessoas que parece que você conhece há muito tempo. Ela foi a primeira poeta que participou da pesquisa e sua disponibilidade e abertura foram importantes para os percursos de pesquisa. Brenalta é rapper, MC, poeta, ator e professor, nascido e criado na cidade de São Sebastião, litoral norte de São Paulo. Ele criou a “Batalha do Verso”, que envolve jovens participantes das oficinas culturais que ele oferece e lançou recentemente um disco chamado “Escombros”. Suas performances poéticas são impactantes, ele investe bastante num trabalho com o corpo, em diálogo com o teatro, e é um interlocutor generoso e parceiro de experimentações da pesquisa. Laura Conceição é MC e poeta, nascida na Zona da Mata Mineira. Criou o projeto Poesia na Escola e é fundadora do coletivo de poesia *Duas*. Laura participou da final do Slam BR 2017 e desde então despontou na cena do *slam*. Suas poesias têm uma forte pegada feminista. W-Black, nome artístico de William Corrêa, é poeta, rapper, fundador do Slam Vila



Isabel, professor de biologia da rede municipal de Educação de Maricá e estudante de doutorado da Faculdade de Educação da UFRJ. Ele acredita que “o *slam* tem um potencial de impacto na vida das pessoas do território que nenhuma outra arte tem” (Conversa com W-Black 28/01/2022) e aposta firmemente no diálogo entre o *slam* e a educação.

São esses os poetas, os intercessores deste texto. A noção de “intercessor” diz respeito aos elementos colocados em jogo no exercício do pensamento, a fim de que o ato criativo que o funda possa ocorrer. “Os intercessores são quaisquer encontros que fazem com que o pensamento saia de sua imobilidade natural, de seu estupor” (VASCONCELLOS, 2005, p. 1223), e sua existência é condição *sine qua non* para que a força inventiva de qualquer processo investigativo tome forma. Eles têm a função de interromper as representações já prontas, os modelos já constituídos, abrindo espaço para a novidade que alimenta a ciência, a arte, a filosofia (DELEUZE, 1992). Com suas produções, demos materialidade a estas linhas. Junto a suas palavras, vimos emergir alguns caminhos entre a palavra, o corpo e a rua, mediados pelas valiosas batalhas de que participam.

### **Primeiro caminho: o *slam* como itinerância entre corpo e palavra**

Pensando nas existências artísticas e coletivas que agenciam em sua pesquisa, Ávila e Ferla reiteram a força de resistência que reside nos corpos que passeiam pela cidade:

A busca do Estado por controlar o espaço vai reduzindo e impedindo a circulação lúdica e criativa nos espaços públicos, e a ação artística se dá como acontecimento corporal ativo, promovendo a parada dos espectadores em meio ao fluxo urbano. Nessa parada, nos surpreendemos, nos incomodamos, pois na(s) máscara(s) do artista vemos várias facetas de nós mesmos. É corpo-movimento, corpo produzindo movimento e colocando o(s) outro(s) em movimento (...) é no corpo e a partir dele que irão acontecer os encontros possíveis e serão articuladas as ações. (ÁVILA; FERLA, 2017, p. 736)

Partindo dos efeitos das artes nos cenários urbanos contemporâneos e afirmando o *slam* como um movimento que se produz no encontro, buscamos aqui tratar como as poéticas do *slam*, em sua capacidade de produzir rua e por meio dos múltiplos encontros entre palavra e corpo, geram movimentos. Deslocar, pôr em movimento, é produzir a possibilidade de o outro sair do seu lugar, articular áreas de resistência e se

experimentar outro, propagar a potência da vida. Os encontros e seus movimentos se relacionam à capacidade que os corpos dos poetas têm de se deixar vibrar pelos encontros, “corpos que ocupam um lugar inesperado e se lançam à desterritorialização, à criação de mundos (...) para os quais as fronteiras não são limites, mas espaços entre dois, territórios para potenciais encontros e trocas” (ÁVILA; FERLA, 2017, p. 740). W-Black continua a nos falar do que resiste, dessa vez a partir de um conceito-força muito trabalhado no *slam*: o ZAP, Zona Autônoma da Palavra. “Em cada local, em cada espaço, em cada dia, em cada momento, você tem uma energia e as pessoas recebem diferentes impactos, de diferentes intensidades, de acordo com a sua emoção e com o que a pessoa vive naquele momento” (Conversa com W-Black 28/01/2022).

W-Black fala de um encontro entre palavra e corpo propiciado pelo *slam*. Mas o que esses encontros fazem mover? É ele mesmo quem o diz: o que eles são e o que produzem é infinito, fruto dos próprios agenciamentos entre corpos, narrativas, sentimentos, sensações.

*Documento, por favor! Aí (o policial) ficou sem ação quando mostrei a carteirinha do mestrado em educação. O sistema dá pane quando vem pra opressão e encontra preto e pobre com mestrado em educação*<sup>5</sup>(trecho de uma poesia de W-Black no Slam do Topo). Você tem diferentes maneiras de trabalhar sentimentos no *slam*, com quem você quer trabalhar os sentimentos, sobre qual sentimento você quer tratar, a forma que você quer expressar sua narrativa, se falada, se só corporal, se só com olhar... Eu não conheço ainda um *slam* só com o toque, feito por pessoas cegas, mas é questão do tempo de existir. (Conversa com W-Black 28/01/2022)

A artistagem do *slam* está justamente aí: a batalha é um momento no qual uma miríade de elementos sensíveis se cruza, gerando daí o efeito performático das declamações. Entre tais cruzamentos, é preciso destacar aquele que produz palavra e corpo, e que parece iniciar a todos os outros, produzindo uma espécie de força de disparo pela qual os elementos sensíveis se dispersam. Palavra e corpo que se constituem ali, no próprio ato poético, não podendo existir isoladamente:

*Em tempos de intervenção militar, eles insistem em ter aversão à minha intervenção poética. Mas não me calo não, o que falta pra eles então? Pô...ética!* (Trecho de uma poesia de Laura no Slam Guilhermina). Gosto de adequar meu texto ao ambiente (...) esse texto é um texto mais rebuscado, mas bateu nas crianças, elas gostaram pra caramba! Então eu acho que vai muito da presença ali, do que você põe no corpo. Ainda que não se

---

<sup>5</sup> Experimentamos aqui juntar a palavra poética à palavra do poeta, na direção de dar materialidade às forças poéticas em jogo no *slam*.

entenda tanto o conteúdo, devido à idade, é legal de ver a energia, a energia circula tanto que é potente. (Conversa com Laura 27/01/2022)

É por esse entrelace que Laura Conceição percebe o corpo como um catalisador da performance poética; mesmo que o público não compreenda bem o discurso, ele consegue captar a mensagem do poema, nascente na expressão corporal. Estamos, aqui, portanto, tratando de uma poesia vocal que vai muito além da voz, e que, como assinala Neves (2017), requer a presença constante do corpo, músculos, vísceras e sangue. Para os artistas de rua, o corpo tem um papel importante no processo de decifração de sensações, de criação e de comunicação com o público. O corpo é suporte, cenário, linguagem – gestos, movimentos, ritmos, pausas (espaço e tempo) –, e é na relação com outros corpos que ele se faz (ÁVILA; FERLA, 2017).

Mas é também a palavra que se move no corpo. É Brenalta que mais claramente menciona essa capacidade do texto se mover ao ser oralizado; ele se transforma ao ser trabalhado pelo corpo do poeta. *Levanta, tem que correr! Revolução mesmo sou eu, jovem preto aos 20 anos sobrevivendo e dando aulas na ETEC. Nós somos o brilho próprio no céu como Estrela D’Alva. Lembro o primeiro cachê, o sorriso que minha mãe dava, com ela aprendi a ser forte, entender o lugar de fala* (Trecho de uma poesia de Brenalta no Slam Independente). Se as palavras escritas são as mesmas, o texto já é todo outro; diante do público, a expressão poética se transforma por meio desse exercício de oralidade, e a palavra falada – a palavra que fala – já é outra. A palavra é tratada pelo artista como um pedaço de barro ou de madeira, modelada, talhada, pintada com cores, em meio a recursos de velocidades, intensidades, repetições, densidades, timbres e marcadores de oralidade, no sentido de materializar o que não está presente e que os poetas desejam presentificar para o público (D’ALVA, 2014). Esse imbricamento entre a palavra que se enuncia e o corpo que lhe dá presença produz um plano de relações no qual seus termos são cada vez mais difíceis de se delinear:

*Hoje em dia, o boy vai na baladinha para dar uma espiada na potranca. Eles querem abrir nossa perna à força, nosso espaço à força, então: Pô... tranca!* (Trecho de uma poesia de Laura no Slam Guilhermina). Eu tenho uma questão que é, quando eu vou escrever, eu escrevo com o corpo também. Então quando eu vou pensar na palavra, eu penso no gesto da palavra, isso tudo compõe a poesia, compõe totalmente (...) essa poesia<sup>6</sup> é uma poesia que eu não posso entregar ela num livro, não vai dar certo no livro.

<sup>6</sup> A poesia referida encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nzZAEVnx-jw&t=8s>>. Acesso em: 28/02/2022.

Ela é uma poesia impúblicável, porque ela só dá certo com a ajuda da minha interpretação, da minha entonação. (Conversa com Laura 27/01/2022)

O que inviabiliza o livro, como o diz Laura, parece o mesmo que viabiliza o sentido da palavra na batalha: a força de enunciação que provém de seu agenciamento com o corpo, fundamental na criação do texto que se delinea no *slam* em ato:

Eu escrevo com o meu corpo e com o meu corpo eu a decoro (a poesia). Então o meu processo de decorar o texto é muito potencializado pelos gestos que eu faço. (...) E aí depois eu não sei se eu decorei os gestos e por isso eu estou falando ou se eu estou falando e por isso estou fazendo os gestos. Por isso eu larguei o caderno. (Conversa com Laura 27/01/2022)

Caminhos de expressão valiosos, por promoverem tal relação entre corpo e escrita como trampolim à experiência – aqui pensada como a que fala Larrosa (2015): aquela que de algum modo nos atravessa e transforma, não nos permitindo que saíamos dela sem algum tipo de interrupção que nos modifica –, as performances poéticas são agenciadoras de circulações afetivas entre os corpos. Como na situação vivida por Martina: *Eu vejo uma chacina todos os dias. Eu vivo uma chacina todos os dias. Respeita meu povo preto que não tem direito a chorar, que tá acostumado a apanhar e não pode gritar, porque no dia seguinte tem que ir trabalhar* (Trecho de uma poesia de Martina no Slam Laje) “Eu fui recitar e estava muito mexida, com a morte de Marielle e com a violência no complexo do Alemão naquele momento que tinha feito várias vítimas..., mas foi bom, botei tudo para fora” (Conversa com Martina 06/08/2021). Há um efeito de alívio e de esvaziamento experimentado pela poeta logo após a declamação de sua poesia em uma batalha. Mas há também algo mais, que se revela pela produção desse grito contra a morte e a violência. Alguma coisa da ordem do que vaza nas mensagens, por sua inventividade e engajamento. Algo, efetivamente, da ordem do político.

### **Segundo caminho: O *slam* como deriva entre palavra, corpo e política**

Há que se acrescentar uma guia importante nas interfaces entre corpo e palavra como visíveis no *slam*. Uma potência rueira, por assim dizer, que produz uma exigência ao dizer que se corporifica pela batalha: a de que ele seja mensageiro da própria resistência que lhe dá sentido. O *slam* não resiste apenas porque se coloca na rua; ele

resiste porque declama, porque reclama diante daquilo que nela insistentemente reverbera e se reitera, seja a violência intolerável, o estado agressivo, a existência que incomoda. Mas também porque comemora a rua:

A rua é diversa. A rua é de quem versa e ocupa suas curvas, ladeiras, praças, feiras e becos aparentemente sem saída. A rua é de um povo diverso, que festeja, luta e resiste às investidas de apagamento, silenciamento e mortificação. A rua segue festejando, apesar das adversidades e bloqueios. A vida insiste em fluir, seguir seu curso, inventar novos caminhos quando lhes bloqueiam a passagem de suas águas. A vida não desiste de afirmar sua beleza, sua potência, sua força de ressurgir das cinzas do que foi morto, matado. Com suas cores, ritmos e sabores, a rua é a festa da diferença. No baile charme de Madureira, nas rodas de samba e de *slam*, nas festas religiosas, ao mesmo tempo sagradas e profanas, nas feiras livres, na fé do seu povo, no jogo, nos botequins, nos sorrisos... (Diário 20/10/2021)

Ao morar na rua, o *slam* faz coro com as narrativas que lhe disputam. É W-Black que aborda essa questão: *A África está viva, dentro de nós! E o poeta tá falando, tá gritando... é a voz para acabar com o silêncio dos povos que se acabaram. Eu falo dos ancestrais, que desde sempre vocês mataram. Mas nós vamos cobrar, porque a justiça começou. O machado vai cantar e o dono é Xangô!* (Trecho de uma poesia de W-Black falada no Slam RJ 2018) “A produção de narrativa é a liga que conecta meu corpo à minha palavra. O que eu quero, na minha vida artística e educacional, é disputar narrativas” (Conversa com W-Black 28/01/2022). Ele encara o fluxo de comunicações em todos os espaços sociais como disputas de narrativas, um cabo de guerra onde cada instituição/movimento puxa para um lado. Esta fala de W-Back nos remeteu a outra, que também versa sobre a potência educativa e transformadora de realidades que um *slam* pode ter:

*Sangue de Frida Kahlo, por isso eu não me calo, então não pisa no meu calo porque eu não vou me calar. Descendo de guerreira, minha avó cortava lenha, se vier de lenga lenga, eu uso a (lei) Maria da penha, eu vou te denunciar* (Trecho de uma poesia de Laura no Slam Laje). Tem uma cena muito forte na minha cabeça: os molequinhos lá vidrados, vendo poesia no Slam Laje<sup>7</sup>. Isso é a melhor resposta que a gente tem, eles estão interessados, absorvendo e aprendendo esse discurso que é muito importante para respeito e igualdade; e para introjetar na criança o sonho. (Conversa com Laura 27/01/2022)

O caráter de disputa no *slam* está em suas próprias raízes, que se encontram na cultura hip-hop, também conhecida como cultura de rua, nascida nos anos de 1970, no

---

<sup>7</sup> Para acessar a experiência mencionada, ver vídeo da poeta Laura falando uma poesia no Slam Laje disponível nas referências bibliográficas.

sul do Bronx, em Nova York. Em meio a um ambiente marcado pela violência, pelo abandono do estado e pelo tráfico de drogas, muitas das gangues de rua existentes, influenciadas pela luta pelos direitos civis americanos, transformaram seu foco de ação e se converteram em gangues de dança, grafite ou – equipes de som e de dança, que disputavam territórios e poder por meio da arte – mas ainda travando batalhas, no impulso da sobrevivência (D’ALVA, 2014). Nessa disputa, o encontro entre poetas e público se faz:

*As mina vão tomar de assalto, eu não subo no salto alto, eu canto meu partido alto, faço como me convém. Odeio facebook, a minha vida levo a muque, do repente ao batuque, rap é poema também* (Trecho de uma poesia de Laura no Slam Laje). O *slam* é o que faz a ponte entre a minha história e a sua história. Se você está assistindo e se identifica com o que eu estou falando, automaticamente percebe que não está sozinha nas suas questões, na sua luta, na sua sobrevivência e ali já existe essa ponte entre nós. (Conversa com Laura 27/01/2022)

O *slam* é uma experiência de celebração da palavra falada e da escuta. As pontes mencionadas por Laura são erguidas por meio de uma escuta que está para além dos ouvidos:

(...) ouvir com a pele, com os ossos, com os olhos, com o corpo todo. A escuta aproxima os tempos, passado, presente, futuro e não tem lugar fixo, não escutamos só com os ouvidos. Não escutamos apenas palavras, frases, discursos, escutamos sussurros inaudíveis, linhas de força, pulsões, rebeliões. É um encontro do corpo com ele mesmo e do corpo com um outro. Limites, impossibilidades, rachaduras, dor, cicatrizes, rompimentos, alargamentos, alagamentos, tudo parece ter a ver com o escutar. (LUCENA, 2017, p. 50)

Nesta ação de escutar, o ouvinte se torna falante, pois se vê convocado a narrar sua própria vida e história. Recordamo-nos da narrativa de uma colega do grupo de pesquisa ao qual estamos ligados, registrada no diário da pesquisa, sobre sua experiência com o *slam*:

Eu acho que o *slam* é um espaço de atuação para vozes, pensamentos e ideias, coisas que a gente não solta no dia a dia, em qualquer lugar, mas no *slam*, quando a gente se encontra, a gente vai falando, soltando, fazendo... Toda vez que eu presencio um acontecimento do *slam*, eu não consigo conter minha voz clandestina, eu penso em alguma coisa, eu quero falar alguma coisa, o que eu não falaria em uma sala lotada, com 40 pessoas, com professor falando. Eu gosto muito do que o *slam* me desperta! (Diário 17/06/2020)

Trata-se aqui não somente do reconhecimento de identidades dadas, mas de certa exposição a uma alteridade, e por meio dela, ser arrastado para uma nova experimentação, o que envolve mestiçagem, contágio e exposição. Assim, todo *slam* é um levante, pois trata-se não apenas de um encontro entre as diferenças, mas da possibilidade de uma contaminação mútua e de um alargamento de mundos/modos de existência. Como efeitos, temos a criação de redes de alianças e aparecimento de povos que ainda não existem (LUCENA, 2017).

Ainda mirando nas relações entre os poetas e os públicos que assistem às batalhas, recorremos a algumas narrativas. *Mas aê, silêncio! Eu disse silêncio, eu quero silêncio, todo mundo em silêncio. Silêncio, silêncio mais uma vez! Vocês estão ouvindo isso aqui? Silêncio, esse é o reflexo da sociedade toda vez que um preto é executado* (Trecho de uma poesia no vídeo “Poesia de brenalta mc”). Brenalta, ao falar sobre esse pedido de silêncio, diz: “A galera fica toda em silêncio e é esse o gatilho para levar eles até o final da história” (Conversa com Brenalta 13/10/2021). Percebemos que a palavra do poeta é ordem para que os corpos a recebam de outro modo. O gatilho mencionado por Brenalta se aproxima da linha de soco narrada por Laura: “As poesias precisam ter uma *punchline*. A *punchline* é a linha de soco, depois dela, todo mundo vai gritar” (Conversa com Laura 27/01/2022). Elementos como o silêncio e a *punchline* convocam o público do *slam* a reagir com mais força e expressão. Um público falante e que interage com os poetas e suas poesias:

*Tu ignora a preta pobre que apanhou o ano inteiro. Paga de umbandista e vai na gira a passeio. Tu adora o preto velho na consulta do terreiro e que se dane o preto novo que morreu no tiroteio* (Uma *punchline* de W-Black no Slam RJ 2018). A gente sente ali, quando ouve a *punchline* do poeta, que ele faz uma referência, pega um conjunto de coisas e isso reverbera na experiência das pessoas, é a hora que a gente grita, bate palma, interrompe o poeta mesmo (...) eu falo muito isso quando vou apresentar *slam*: “Gente, gritem, berrem, reajam à poesia do poeta! O *slam* é interativo. (Conversa com W-Black 28/01/2022)

Numa relação de afetação mútua, via de mão dupla, “o público é um termômetro para o poeta, (...) o que vai gerar transformação em sua vida” (Conversa com Laura 27/01/2022), ao mesmo tempo em que “a reação do público impulsiona energeticamente o poeta: Ele respira, para, dá uma concentrada, se sente empoderado” (Conversa com W-Black 28/01/2022). Por meio das narrativas, percebemos cada vez mais o *slam* como um movimento que se faz na relação entre poetas, público e espaço. Há uma primazia

do momento presente em que o encontro se dá, a atmosfera criada, que não é passível de reprodução, já que nada substitui a presença física, o encontro e o diálogo entre as diferenças (D'ALVA, 2014). O clima de alegria e celebração, os olhares atentos, a vibração com as performances poéticas, o caráter inclusivo e libertário e as convivências são aspectos fundamentais deste movimento.

Eu gosto é de estar com as pessoas! (...) O calor do *slam*, depois que você acaba de recitar, troca ideia com as pessoas, vê outras poesias, conversa com outros poetas... Isso é muito mais do que a poesia, é a situação do *slam*! A troca... isso é muito potente! Isso é da rua! (Conversa com Laura 27/01/2022)

A relação do poeta com o público e com o território são forças que forjam as experiências do *slam*, pois entrelaçadas, se coproduzem:

*E agora, tu vai se vender pra qual senhor? A cor do colonizador nunca mudou, mas o discurso sim, de novo te enganou! (...) É senhor (Deus), eu acho que a humanidade deu errado* (Trecho de uma poesia de Martina no Slam Laje). O *slam* é uma roda, o movimento de estar em círculo já é um ritual, uma troca de energia (...) às vezes eu me sentia muito pesada... (Numa apresentação no festival *Mulheres do Mundo*, que aconteceu no centro do Rio) apaguei, desmaiei no meio da plateia... Quando eu estou na favela recitando, eu me sinto muito em paz, porque são moradores, pessoas que me viram crescer, que eu vejo na padaria... Quando eu vou para a pista é um outro rolê, várias batalhas de poesia acontecem no centro da cidade, e eu me sinto muito vulnerável no centro da cidade... (Conversa com Martina 06/08/2021)

A ligação com o território é um cruzamento importante no movimento do *slam*:

*Eu tô ocupando cada canto, seja público ou privado. Eu tô aqui por Marielle, por aqueles que lutaram pra dizer que de branco eu não sou súdito* (Trecho de uma poesia de W-Black no Slam RJ 2018). *Slam* é uma arte de território e ganha as favelas, não é à toa, (...) a necessidade de impacto territorial é gigantesca. As favelas nascem por conta de uma série de processos de opressão, de abandono, de ausência de oportunidades... São territórios que precisam se construir o tempo todo, é “nós por nós” (...) a ânsia de cultura, de arte, de educação, de oportunidade, de expandir as mentes, de ampliar as possibilidades é tão gigantesca, que tudo aquilo que se apresenta com o potencial de transformar realidade a gente suga, ou melhor, protagoniza. A gente começa a dar um significado para aquilo que é nosso, a trazer narrativas que são nossas (...) no *slam* você se conecta com pessoas que com 25 anos de morador, você não conversava. (Conversa com W-Black 28/01/2022)

Esta narrativa nos aponta a força que o *slam* tem de produzir coletividades, juntar pessoas de um mesmo território e a partir daí favorecer a construção de redes de aliança entre elas. Essa é a potência ruela do *slam*, um movimento que não só acontece na rua, mas que é a própria rua em movimento, o que mais uma vez nos indica que a rua não



existe de antemão, pois ela se faz nos encontros: “A rua é o espaço de todos ou deveria ser, é um espaço aberto, acessível, de livre trânsito” (Conversa com Laura 27/01/2022) (...) “que te permite se comunicar até com pessoas que não estavam esperando receber narrativas naquele dia” (Conversa com W-Black 28/01/2022). “Essa é a potência da rua, a rua causa conexões” (Conversa com Laura 27/01/2022).

Os poetas narram a potência de abertura e de comunicação com as pessoas de um movimento que acontece na rua, mas também mencionam seu não-lugar relacionado a certa marginalidade: “Tem também de você fazer na rua porque historicamente não tinha um lugar. Vem da relação com as rodas, com as ágoras, mas também da relação com a marginalidade, do que é visto à margem, que não é bem-vindo” (Conversa com Laura 27/01/2022). Pensamos com eles que a força do *slam* brota mesmo deste lugar complexo: acessível, aberto, mas também atravessado por abandonos e violências de diversas ordens. Lugar que convoca os poetas a uma intensidade expressiva diferente, pois(...) “a rua exige que a gente fale mais alto, seja mais expressivo e tenha uma movimentação corporal muito mais intensa” (Conversa com W-Black 28/01/2022).

Por último, compartilhamos um sentido importante que a rua tem nas poéticas do *slam*, como lugar de conexão com a ancestralidade e a religiosidade, fato que pode ser observado pelas próprias poesias que circulam no *slam*, pois muitas delas mencionam a relação dos(as) poetas com religiões de matrizes africanas:

*Não quero esse roda-roda de céu e inferno falso. Eu gosto de gira-gira de pé descalço. Nem sempre sou pé na porta, às vezes a pé eu entro, sempre em pé no terreiro plantando pé de talento. Ao lado da malandragem, salve Zé Pilintra que está presente* (Trecho de uma poesia de W-Black no Slam RJ 2018). Para mim, Exu, malandragem e rua tem toda uma conexão. Quando a gente está na rua, a gente está em contato com essas entidades, com essas energias... tem pessoas no *slam* que recitam descalças para sentirem a energia da rua (...) Exu é o orixá da comunicação, então toda vez que eu vou recitar eu peço licença a ele, eu bato três vezes no chão, eu faço a minha prece (...) eu sinto uma energia na rua que eu não sinto em nenhum outro lugar! (Conversa com W-Black 28/01/2022).

Afinal, como o diz Brenalta, “a rua é onde as coisas acontecem de verdade, onde a gente se sente vivo” (Conversa com Brenalta 13/10/2021).

### **Notas finais: entre ruas, corpos e palavras, uma educação poética possível**

Ensaíamos aqui uma cartografia poética do *slam*, acompanhando os encontros e movimentos que acontecem nessas experiências; inventando modos de pensar na questão “O que pode um corpo no/do *slam*?”, que segue alimentando nossas investigações. E se, por um lado, não há como respondê-la do lado de fora das próprias experimentações poéticas com as quais nos relacionamos – pois “ninguém sabe de antemão de que afectos [um corpo] é capaz” (PELBART, 2008, p.2) – por outro é inegável que tal potência emerge no encontro com a palavra, com o público e com a rua. É principalmente por tais elementos que se fundam ali, nas batalhas, espaços comunais, nos quais se partilham modos de se narrar, de se relacionar com o mundo, de viver.

Enquanto comunidade, o *slam* tem por condição a heterogeneidade e a pluralidade; ele nos ajuda a pensar o comunitário, portanto, “na contramão do sonho fusional” ou das homogeneizações de corpos e lutas; em suas invenções poético-corporais singulares, nas performances que anuncia ou nas composições com o público, a comunidade slammer não para de nos lembrar que é “feita de interrupção, fragmentação, suspense, feita de seres singulares e seus encontros. Comunidade como o compartilhamento de uma separação dada pela singularidade” (PELBART, 2008, p. 6). Nesta direção, afirmando a diferença como elo que nos liga aos outros, apostamos nos novos possíveis que a partir daí se abrem e se inventam.

Nas reverberações do *slam*, vemos surgir forças e mensagens que forjam modos de ser corpo e escrita na cidade. Delas parecem emergir elementos valiosos para a afirmação de uma educação mais poética e mais exposta à vida em coletividade. Gert Biesta (2013), um pedagogo holandês, narra o educar como um gesto que solicita responsabilidades – condições de resposta e de responsabilidade que envolvem àqueles alcançados pelo ato educacional. Tal responsividade é fundante do *slam*. Aquilo que surge como apelo nas poesias, aliado à expressão corpoescritural que caracteriza as batalhas, alimenta uma espécie de convocação a existir de certo modo que atravessa poetas e público, em meio a mundos inventados ali, nas ruas, nos espaços públicos ou reivindicados como tal. Em tudo isso, portanto, está implicado um gesto formativo que não cessa de interpelar aqueles que habitam as batalhas.

Essa educação poética movida pelo *slam* acontece pela incorporação da palavra que produz ao mesmo tempo *um corpo da poesia e uma poesia do corpo*. Mas não é só

isso. Mediada pela experiência rueira, essa educação, resistente, afirma continuamente que a rua não é apenas o lugar onde a poesia acontece, mas sim o meio e a própria condição de agência do poeta; um território que sustenta e funda o existir poético, com o seu sangue e suas lutas, abrindo espaços que anunciam, denunciam, reivindicam e afirmam mundos a partir daquilo que vibra nos corpos e, por excesso, lhes vaza. O *slam* é, afinal, uma irrupção, desejosa por contagiar as ruas e seguir na proposição insurgente de modos de viver.

### Referências Bibliográficas

- AQUILES, Marcio. Novos poetas “pulam para fora da página”. *Folha de São Paulo*, 17 set. 2011. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1709201110.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- ÁVILA, Mayna Yaçanã Borges; FERLA, Alcindo Antônio. O que pode o corpo? Corpografias de resistência. *Interface*, v. 21, n. 62, 2017, São Paulo, p. 731-748. Disponível em: <<https://interface.org.br/publicacoes/o-que-pode-o-corpo-corpografias-de-resistencia-n-62/>>. Acesso em: 01 mar. 2022.
- BIESTA, Gert. *Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BRENALTA. Poesia de brenalta mc. *Youtube*, 24 fev. 2018. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_Ph9VIM2Xac](https://www.youtube.com/watch?v=_Ph9VIM2Xac)>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- BRENALTA. BRENALTA MC mandando poesia (09/01/19). *Youtube*, 14 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QfFIXLRlwNg>>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- BRENALTA. Slam Independente 5ª Edição - Brenalta. *Youtube*, 6 set. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b7cqWvLnoVs>>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CONCEIÇÃO, Laura. Laura Conceição. 2º Slam do Encontro - Festival EMCS 6 anos - 06/10/2017 (Poema 2). *Youtube*, 20 out. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1JdKgFu1hEI&t=6s>>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- CONCEIÇÃO, Laura. Laura Conceição - Slam Laje. *Youtube*, 17 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s8IMXBjC5WM&t=34s>>. Acesso em: 28 fev. 2022.

- CONCEIÇÃO, Laura. [Slam BR 2017 - Final] Laura Conceição 02 - Legendado. *Youtube*, 22 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vS48VNdhw0>>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- CONCEIÇÃO, Laura. Laura Conceição, Slam da Guilhermina, Coleção Slam. *Youtube*, 22 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nzZAEVnx-jw>>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- D'ALVA, Roberta Estrela. *Teatro Hip-Hop: A performance poética do ator-MC*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- DELEUZE, Gilles. *Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)*. Fortaleza: Ed. UECE, 2019.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações – 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- AQUILES, Marcio. Novos poetas “pulam para fora da página”. *Folha de São Paulo*, 17 set. 2011. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1709201110.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- GIL, José. *Caos e Ritmo*. Lisboa: Relógio d'Água, 2018.
- HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): Contribuições decoloniais. Niterói: *GEOgraphia*, v. 22, n. 48, 2020. p. 76-90. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/43100/24532>>. Acesso em: 28 de fev. 2022.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 15-34.
- LE MOAL, Philippe. *Dictionnaire de la danse*. Paris: Larrouse, 2008.
- LIBERMAN, Flávia; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Um corpo de cartógrafo. *Inferface*, v. 19, n. 52, 2015, São Paulo, p. 183-193. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/MWxPQ5YZH9FgTTdV5GNZ3Fr/?lang=pt>>. Acesso em: 01 mar. 2022.
- LIOLI, Amanda; MOREIRA, Catherine. Na língua. *Youtube*, 3 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-aLRrLauNCQ>>. Acesso em: 25 jul. 2022.
- LUCENA, Cibele Toledo. *Beijo de línguas - quando o poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.
- MC MARTINA. Poesia na Guerra Capítulo 2 - Mc Martina. *Youtube*, 6 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hLLiAwHw4Pk>>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- MC MARTINA. Slam Laje - Mc Martina. *Youtube*, 18 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LAwiatTRQFo>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

- NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams – Letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. *Linha D'Água*, v. 30, n. 2, 2017, São Paulo. p. 92-112. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>>. Acesso em: 01 mar. 2022.
- PELBART, Peter Pál. Elementos para uma cartografia da grupalidade. In: SAADI, Fátima; SILVANA, Garcia. *Próximo ato*: questões da teatralidade contemporânea. São Paulo: Itaú Cultural, 2008. Disponível em: <[https://desarquivo.org/sites/default/files/pelbart\\_peter\\_elementos.pdf](https://desarquivo.org/sites/default/files/pelbart_peter_elementos.pdf)>. Acesso em: 01 mar. 2022.
- VASCONCELLOS, Jorge. A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia. *Educação & Sociedade*, v. 26, n. 93, 2005, Campinas. p. 1217-1227. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/vxm4Hnh5fhbMFjpTLLqRbZN/?lang=pt>>. Acesso em: 01 mar. 2022.
- W-BLACK. Literatura e poesia marginal com “W-Black”. *Youtube*, 7 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jo-IpBaxzHY>>. Acesso em: 28 fev. 2022.
- W-BLACK. Slam do Topo (final 2018) - W-Black. *Youtube*, 12 out. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xos44Pmec6U>>. Acesso em: 28 fev. 2022.
- W-BLACK. Slam RJ 2018 - Circo Voador. *Facebook*, 31 out. 2018. Disponível em: <[https://www.facebook.com/watch/?extid=CL-UNK-UNK-UNK-AN\\_GK0T-GK1C&v=269123227281874](https://www.facebook.com/watch/?extid=CL-UNK-UNK-UNK-AN_GK0T-GK1C&v=269123227281874)>. Acesso em: 28 fev. 2022.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Recebido em 01/03/2022  
Aceito em 17/06/2022

---

<sup>i</sup> **Camilla Martins de Oliveira** é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. **E-mail:** camillamoliveira13@gmail.com

<sup>ii</sup> **André Bocchetti** é professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenador do CorPes - Zona de Estudos e Pesquisas em Corporeidades e Pedagogias Sensíveis. **E-mail:** andreb.ufrj@gmail.com